

A Verdade

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS

Composto e impresso na Typ. Espozense—Espozende.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE.

NEM SEQUER O MANTO DIAFANO DA FANTAZIA.

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 81

ANO I

1

Janeiro

1920

O que faz hon-
ra a um homem,
não são as suas o-
pinões, são os seus
sentimentos.

Schiller



MAIS UM ANO

O Tempo no seu rodar vertiginoso alcançou mais uma etapa na estrada misteriosa que percorre. Na mesma vertigem caminhará até ao dia—proximo ou distante—(não o sabe ainda a sciencia), em que as leis fataes da transformação do existente reduzam á imobilidade ou a qualquer ignorada forma, os mundos que povoam a vastidão do Infinito.

Cada ano que nasce é uma esperança de melhores dias que surge. Ano novo significa vida nova, novas ilusões e novos sonhos, venturas que desabrocham e maguas que findam, aurora que desponta num horizonte de luz e de amor.

A Humanidade esquece por momentos todos os males e todas as fadigas do ano anterior e extasia-se deslumbrada pelas enganosas fascinações do porvir, na doce expectativa duma era mais feliz que presumidamente lhe trará a desejada prosperidade. E no entanto os seculos vão rolando e a vida oscila sempre entre a dor e o tédio, convertendo num crnel realidade o pessimismo filosofico de Schopenhauer, de Leopardi e Leconte de Lisle!

Se evocarmos o passado logo a saudade parece querer devorar-nos num labareda de sentidas recordações, que nos queimam o espirito, como centelhas de fogo, na contemplação intima de alegrias distantes que a memoria guarda e a imaginação reproduz em novas emoções, que nos entontecem e desvairam.

Se olharmos o presente, na observação dos homens e das coisas, vemos uma sociedade tripudiando no luxo e nos deslumbramentos da riqueza, esquecida dos perigos que a rodeiam, estonteada no goso de todos os prazeres, exhibindo cinicamente todos os vícios, num desafio impudente, aos que agonisam de fome nos braços da miseria. Se prescarmos o futuro, assalta-nos a duvida desesperadora e enervante entre as brumas da terrivel tempestade social que se esboça minar em todas as nações da Europa, se não do mundo inteiro. Mas *A Verdade* põe, hoje, de parte augúrios e desalentos na esperança de dias mais venturosos, e o que vivamente deseja a todos os seus presados assignantes, leitores, annunciantes, collaboradores e amigos, é que o ano de 1920 lhes seja propicio e pleno das mais inegalaveis felicidades.

A. T.

Noite de Natal

Ao Miguel-Júlio.

ra uma vez...
Era uma vez um menino muito bonito e muito bom, a quem por isso o Menino-Jesus, na

noite de Natal, deixava sempre, num dos sapatinhos, a prenda com que ele mais sonhara, por mais a desejar.

Chamava-se Joãozinho este lindo menino e tinha por visi-

POETAS

Lareiras de Portugal

Arde a fogueira... O lar também é tulha!
E' pão e lume. E que fartura amiga!
—Cada trôço de lenha é como espiga
Que em doces chamas de oiro se debulha.—

Arde a fogueira... Ora cicia e arrulha
Como as pombas no ninho; ora é cantiga;
Ou subita epopeia, que fustiga,
Remoinha, estraleja, e se esfaúlha.

Braveja o lume sobre o lar dos pobres;
Tem gritos de clarim, soturnos dobres,
Altas linguas de chama, abrindo em lança.

E a gente:—«E' o fim do mundo: a Fome e a Guerra»—
E um velho:—«Eh lá! Choraes?... Elle inda ha terra!
Elle inda ha Portugal! Resae... E esp'rança!»—

Inédito

Antonio Corrêa d'Oliveira.

nhos outros dois meninos, de quem gostava e com quem brincava, ás vezes. Eram o Pedro e a Gigi.

A mãe do Pedro e da Gigi batia-lhes a miúdo e isto impressionava deversas o Joãozinho, que nunca fora castigado.

Ora, naquela tarde, véspera de Natal, o bondoso menino, á hora do jantar, perguntou:

—O' papá, porque é que o Pedro e a Gigi nunca teem brincadeiras?

—E' porque são pobresinhos e a mãe não tem para lhas dar.

—Mas eu tenho tantos brinquedos que não custaram dinheiro! Foi o padrinho que me deu alguns e outros deu-mos o Menino-Jesus. Porque é que eles não arranjam a ter padrinho, ou que o Menino lhos dê?

O pai do Joãozinho sorriu, ao mesmo tempo que a mãe intervinha, atrahindo meigamente a si o pequeno:

—O padrinho deles não pôde dar-lhes nada, porque é também pobre. As brincadeiras cus-

ta n muito dinheiro e os pobres não o teem, coitados!

—Mas o Menino-Jesus? acudiu o lindo Joãozinho. Esse é muito rico e tem tudo: por isso, devia dar qualquer coizinha aos meninos como o Pedro e a Gigi e assim... E, depois de uma curta reflexão: Antes não me desse nada a mim, que tenho um padrinho rico e amigo, que me dá bastantes coisas...

O pai, comovido, explicou: —Só os meninos que se portam bem é que teem prendas do céu. Sabes porque a Gigi não tem prenda do Menino? Porque é muito mentirosa. E o Pedro esse é porque...

—Diz palavras feias, concluiu o pequeno.

—Sim, porque diz palavras feias e porque trata mal os pobresinhos, quando vão pedir esmola lá a casa. E é até por isso que a mãe lhas bate tanto.

O Joãozinho ficou pensativo. Pouco depois, perguntou:

—E eu porto-me bem má?

—A's vezes, lá faz a sua tolice; mas, como é bom, e dá sempre esmola aos pobrezinhos,

e trata bem os animaes, e não é desobediente, bem merece que o Menino lhe dê o prémio desta santa noite.

A refeição tinha terminado e o pequenito, em vez de se mostrar alegre e travesso, como de costume, quedou meditativo.

—O menino está triste. O que é que tem? perguntou-lhe o pai.

O Joãozinho pulou-lhe para os joelhos e, num beijo:

—Faz-me um favorsinho, papá?

—Diga.

—Deixa-me dar duas brincadeiras ao Pedro e á Gigi?

Foi a mãe quem respondeu:

—Vá buscá-las.

Num salto, o pequeno trouxe os dois melhores brinquedos que tinha e de que mais gostava.

Os olhos da mãe humedeceram-se de lágrimas risonhas e felizes e o pai estreitou-o, num abraço demorado.

24—XII.

JULIO de LEMOS.

Portugal futuro

Intensifica-se a febre de projectos tendentes a melhorar a situação economica do paiz, em que todo o bom patriota deve colaborar, afim de tentar a salvação do existente.

Depois dos pesados encargos contrahidos com a nossa entrada na guerra, e com o apavorante agravamento da vida da nação, durante e depois da guerra, a lucta tem de ser titanica.

Se não houver uma communhão de ideias e uma congregação de esforços, no sentido de levantar o moral do nosso paiz e insuflar-lhe novos alentos, liquidaremos, ao fim de darmos ao mundo inteiro, o espectáculo triste d'um povo que se deixa morrer por suas mãos, sem reagir, tendo ainda elementos viáveis para que pôde apelar.

Um paiz colonial como o nosso, cuja riqueza é invejada pelas maiores nações, ainda tem recursos para fazer frente á grave crise que o assoberba, desde que haja quem, compenetrando-se dos seus deveres civicos, tenha a capacidade e energia suficientes para o desempenho de tão alta missão.

Apareçam esses homens, que os temos, e deem braços a essa tarefa que fiel e patriótica-

CARAPUÇAS

A carapuça é talhada
Aqui ao pé, na modista,
Mas quasi sempre a artista,
Deixa-a ficar apertada

A gente encarpuçada
Ao senti-la na cabeça,
Por alegre que pareça,
Ficou ralvosa, danada.

Houve até um desalojo,
Houve grossa ralhação,
Ali p'ra estrada de Fão,
Junto as margens do rio.

E porque? Esta-se a ver,
A carapuça passada,
Que ficou muito apertada,
Deixou o dono a arder.

E foi esse o cidadão
Que nos veio declarar
Que lhe ficava a matar
Oão, João, João, João, João!!!

Neira.

mente executada os glorificará,
fazendo voltar a fé e a esperança
que muitos já perderam.

Seja o ano de 1920 o co-
meço da era do resurgimento e-
conomico do nosso Portugal,
porque, uma vez equilibradas as
suas finanças, é bem natural que
deixe de ter cabimento o ditado:
«Casa onde não ha pão todos
ralham e ninguém tem razão».

R. L.

ESPOSENDALÉRIAS

Ano-bom! ano-bom!

Quem dera que os Fados
não desmentissem a síntese des-
ta locução! Quem dera...

Mas será realmente um ano
bom, o ano que hoje começa?

Haverá, acaso, anos-bons
nestes duros tempos que vão
passando, com pestes, fomes e
guerras a mondar a humanidade
por esse mundo fora?

Ha-de haver quem diga que
sim; ha-de haver quem diga que
não. Eu, nem digo que sim,
nem que não, para não errar.

O 919 que lá vai não dei-
xou grandes saudades. E' verda-
de que nos deu a Páz—a hipoté-
tica Páz mundial que ainda es-
tá longe de ser um facto positi-
vo, mas que, afinal, é já alguma
coisa.

Mas foi ele também um tro-
cista de truz, que gostava de
mangar com as tropas e teve
mesmo brincadeiras de mau gos-
to. Logo, mal nasceu, começou
por nos mandar de presente uma
monarquia, que era mesmo co-
mo a cara dele! Coisas de crian-
ças, já se vê.

Pôz-se então, o travesso, a
observar a cara dos parceiros; e,
quando presentiu que os nossos
amigos democraticos já estavam
a fazer as malas para se irem o-
ferecer aos monarchicos e lhes
governar a casa,—záz!—fez
uma pirueta e agora ai têm vo-
cês outra vez a Republica!

Ai o que o maroto se viu
quando se pôz a observar a re-
viravolta operada!

—Então não queriam ver?
Os safardanas que ainda na vés-
pera davam vivas a Cristina e

aos seus abencerragens e beijavam
reverentes a bandeira azul e bran-
ca, não se estão a chegar já para
a manjadoura vermelha, onde a
herva fresca lhes abre a tentação
dos apetites insofridos, talvez por
influencia da cor!

E o traquinas do 919, ainda
mal recém-nascido, varava da
volubildade humana, não calcu-
lava que os homens fossem
tão variáveis.

Apre! era de mais! E pôz-se
a fantasiar uma outra partidita:
deixar esta gente governar até
caírem de podres.

Tanto sabor acharam ao
mando, tão bem se deram nas
esferas do Poder, que por lá
tem demorado, jogos de equili-
bro instável e é mesmo prova-
vel que o sacrificio se consuma
até final, e darem com tudo
em pantufas.

*

Um novo ano é uma nova
ilusão que chega. Que é um ano
a mais na nossa existencia?

Uma mais rápida aproxima-
ção do tumulo, mais um passo
para o Nada do Alem, para o
Nao Ser...

Não obstante nós festejamos
sempre o primeiro dia do ano; e,
quer o seja, quer não, chama-
mos-lhe até Ano Bom.

Ano Bom! Ano Bom! Pa-
rece-nos divisar em todos os
rostos uma expressão mais ale-
gre; é mais viva e dourada a luz
do dia; e até a aragem nortina
que sopra baforadas de gelo, nos
parece menos fria...

Ano bom? Quem dera que
os Fados não desmentissem a
síntese desta locução, que encon-
tra em si todos os bens! Quem
dera!

Ruben.

A Semana
Politica

Continua sem solução a cri-
se ministerial.

Pensa-se n'uma recomposi-
ção e n'este sentido se tem prac-
ticado varias demarches, sem que
até agora se tenha conseguido
realisar-a de forma a agradar a
gregos e troianos.

O momento é grave como
todos sabem, e uma recomposi-
ção é sempre um remendo para
remediar e dilatar a vida ao
doente, mas não é positivamente
uma cura radical aos males
de que enferma qualquer gover-
no em crise.

O democratismo do norte
tem affirmado ou melhor, insi-
nuado mal disfarçadamente, que
o destino da nação deve ser
confiado,—ainda que a título de
experiencia—ao partido republi-
cano liberal; e, sem querer, reco-
nhece-o como uma força política,
organizada e disciplinada como
nenhuma outra actualmente.

Mas a demagogia, o syndica-
lismo e outras facções congêneres,
nem, como experiencia ad-
mitem a subida d'esse partido
ao poder e com um despalnte só
admissivel pela brandura dos

nossos costumes, ameaçam, der-
rubal-o pelo tiro e pela bomba.

Isto é unico mas é verdadei-
ro e, para que a ameaça não pu-
desse ser levada a conta de boato,
lançaram-na em publico nas
colunas d'«O Combule».

Depois d'isto pode alguém
asseverar que a ordem está ga-
rantida em Portugal?

Podem os desordeiros, por-
que para eles, a ordem dos de-
sordeiros, está realmente assegura-
da.

A que chegamos e para on-
de caminhamos.

Que tristeza nos causa esta
exibição quotidiana da mais for-
midavel miseria moral e de carac-
ter.

E' preciso que os homens pu-
blicos de pulso e de valor pon-
derem os meios de evitar uma
vergonhosa derrocada e tomem
uma attitude decisiva n'esta do-
lorosa situação.

Só os discólos da rua e os
criminosos envoltos nas sombras
d'um falso patriotismo lhes ne-
garão o seu apoio.

Unamo-nos todos para que
se não estabeleça tão criminoso
precedente.

Como se faz a historia

Um dia, em Janeiro de 1919,
uma banda de musica, que vinha
duma freguezia do concelho de
Vianna, ao chegar a S. Paio lem-
brou-se de tocar o hymno da car-
ta. O povo, que não ama a repu-
blica porque não a conhece atra-
vez do prisma democratico, achou
bem e anipou. Dentro em
pouco ao estrear dos foguetes,
reuniu-se um populacho enor-
me e resolveu ir visitar diversas
casas, saudando a Monarchia.
Tudo eram bandeiras azues e
brancas e entre os portadores,
um interessa-nos sobremaneira—
era o professor Torrinhas.

A frente da manifestação,
esganava-se a dar vivas ao sol
nascente e não podemo affirmar,
porque não vimos nem ouvimos,
se não mimoseou o regime de-
posto com os classicos... mor-
ra... abaixo, mas é provavel.

Este engano lêdo e cego co-
meçou a esfriar, ao saber-se que,
para os lados de Aveiro, a Re-
publica resistia e a Monarchia,
feita no Porto, por meio duzia
de aventureiros, tinha os seus
dias contados. Aqueles que a-
doraram o sol nascente, viao com
horror a sua situação, e, á boc-
ca pequena, iam dizendo, a uns
que sim, a outros que talvez,
não sabendo como orientar-se.

Em 13 de Fevereiro, caí a
a Monarchia, o regimen republi-
cano triunfa.

Era de ver com que entusias-
mo aquelles que dias antes se des-
faziam em contumélías e sala-
maleques, ao antigo regime, vi-
raram a casaca e abraçaram de
novo o regime que um mez
antes, merecia todo o seu des-
dem, qualificando-o de diversas
maneiras, que agora não veem a
qui para o caso. Foi tal a revira-
volta que até houve jornais que

mudaram de nome para encobri-
rem a sua defeção moral.

Na tensão de espirito em que
se vivia, em conferencias que se
realisaram, disse-se tudo e não
faltou quem alcunhasse de talas-
sas e inimigos declarados da Re-
publica, creaturas inofensivas,
mas que tinham o seu fraco pe-
lo antigo regime, sendo alguns
deles acusados de terem quei-
mado a bandeira Nacional.

Uns, os que não tinham lam-
pada acesa em Meca, foram per-
seguidos, assaltaram-lhes as ca-
sas, e andaram a monte, longe
da familia e dos amigos; outros,
apesar de estarem em evidencia,
ficaram tranqüilamente em sua
casa depois de terem levado a
prevaricação ao ultimo ponto.

Mas, tudo tem um mas; um
dia vieram publicados dois de-
cretos, dimitindo professores des-
te concelho—Antonio de Carva-
lho Torrinhas, por ter promovido
manifestações, Manoel Joaquim
Boaventura, por ter assistido ás
mesmas! O alto espirito do ex.^{mo}
Ministro, principia aqui a mani-
festar-se, em dois casos diferen-
tes applica a mesma pena.

Não fez «A Verdade», a
mais pequena allusão ao caso para
não privar do pão frouso de cada
dia um dos professores visados,
que tem uma familia muito nu-
merosa e que culpa alguma teve
nas tolices do seu progeni-
tor.

E apesar das relações pessoais
e politicas que nos ligam ao óti-
mo professor, nem sequer este
jornal se referiu á sua demissão.

Calculo que recorreram ao
douto despacho do Ministro da
Instrução e, caso curioso, o cul-
pad é immediatamente reintegra-
do, ao passo que o nosso amigo
Manoel Boaventura continua de-
mitido.

Ainda agora «A Verdade»,
não trataria do caso se não fos-
se o despalnte e o atrevimento
com que commentaram a reinte-
gração do professor Torrinhas.

Para o defenderem, vieram
a publico com a affirmação tor-
pemente calumniosa, de que,
se deu vivas, a isso foi forçado
por meia duzia de facinoras, ar-
mados de bocas de fogo. Não
sabemos, co no o autor da local,
não arranjou também metralha-
doras, artilheria grossa e mortei-
ros, para forçar o honesto repu-
blicano a faltar ao comprimen-
to dos seus deveres.

O que de forma alguma dei-
xamos agora de dizer e dizemo-
lo em qualquer parte sem receio
de desmentido, é que tudo quan-
to diz a local sob a reintegração
do professor Torrinhas, é abso-
lutamente falso.

E' verdade que ele se incor-
porou, por sua livre vontade,
na manifestação monarchica; é
verdade que até em certas casas,
botou fala, saudando o novo re-
gime.

Mais podiamos affirmar, so-
bre este inclito cidadão, mas
devagar se vai ao longe.

Por hoje, limitamo-nos ape-
nas a recomendar ao jornal que
publicou a local, que tenha um
pouco mais de decôro e verda-

de nas suas affirmações, porquan-
to, ou o fez propositadamente, o
que é para lastimar, ou então o
jornal não nos merecerá mais a
minima referencia porque falta,
de caso pensado, absolutamente
à verdade.

Alem disto, não sabemos co-
mo o dig.^{mo} Administrador do
Concelho, depois de ler a lo-
cal, não procedeu contra aquelles
que apontaram armas ao peito
do distinto professor, obrigando-o
a dar vivas á Monarchia.

Hasò dois caminhos a seguir,
senhor administrador. Ou V. Ex.^a
processa aquelles que atentaram
contra a integridade do pro-
fessor Torrinhas ou então pro-
cesse o redactor da gazeta, por
difamação. Escolha V. Ex.^a

(Continua)

SEM COMENTARIOS

(Do jornal «O Cavado» de
26 de Janeiro de 1919, sendo
editor, administrador e propieta-
rio, João Amandio.)

«Tinha de ser. A repu-
blica—pelo caminho que
enveredou logo desde prin-
cipio—não podia viver.

Os seus curifises não
souberam fazer uma Repu-
blica em que coubessem to-
dos os portugueses e eles
mesmos se encarragaram de
acabar com ella.

E' a Historia a repetir-
se em todos os seus por-
menores: quando o falecido
rei D. Carlos disse «que era
rei d'uma monarchia sem
monarchicos», quiz referir-
se precisamente á fraqueza
dos mesmos pelas luctas a
que loucamente se entrega-
vam e que redundavam no
maior prejuizo do prestigio
real.

Precisamente com a Repu-
blica deu-se o mesmo: a guer-
ra de morte a que se entre-
gavam ultimamente os seus
partidos, apenas serviu para
mostrar ao paiz a sua gran-
de falta de patriotismo, pois
terminavam por acabar com
a Republica quando mata-
ram barbaramente e injus-
tamente um homem, que e-
ra o unico que a podia sal-
var e que tão bem soube
conquistar a simpatia dos
portuguezes de lei, o republi-
cano Dr. Sidonio Paes!

A Republica acabou,
pois, por suas mãos; e a
restauração monarchica não
mais foi do que um solene
fuzil da bandeira azul e bran-
ca por todo o paiz.

E' que os regimens que
pretendem sustentar-se n'u-
ma falsa liberdade, mais cedo
ou mais tarde bruceiam
fatalmente.

Sande nos, pois, a mo-
narquia e oxalá que, peran-
te os factos consumados e
para bem de nós portugue-
zes, ella saiba continuar as
suas tradições de paz e a-
mar.

A VERDADE EM FÃO

Mais um ano que se passou e a nossa terra terá de acrescentar a tantos outros que tem decorrido estereis, sem benefícios ou melhoramentos, na mais completa incuria e desleixo. Se lançarmos um olhar sobre o passado e seus homens illustres, ficamos desolados vendo como temos retrogradado em todos os sentidos.

Como nos parecem grandes, esses homens a nós que vivemos nestes tempos de egoísmo, hipocrisia e volubidade de carácter!

Se ao menos soubessemos conservar o que elles nos deixaram, ainda não haveria motivo de censura, mas o que vemos nós por ahí? O desmaselo e o mais absoluto desprezo por tudo; a luz, embora sejam poucos os candieiros, é como que não exista; a agua potavel que havia —devida a um dos mais devotados e sinceros filhos de Fão, ingratamente olvidado— não corre para as fontes, completamente descuradas; as ruas, exceptuando duas ou tres, pessimamente calcetadas, são autenticos lameiros, queilhas immundas, onde o lixo de algumas dezenas de annos se vae accumulando, formando pestilencias montureiras; o cemiterio, onde repouzam os restos d'aquelles que em vida nos foram mais queridos, e que pela sumptuosidade dos seus ricos jazigos é incontestavelmente um dos primeiros de provincia, tem estado a monte, a sua capela é uma vergonha pelo estado de verdadeira ruina em que se encontra; a alameda do Bom Jesus, se lhe não acodem, secam as arvores todas; e o nosso magestoso Hospital-Asylo?...

E assim por ahí alem; em tudo se revela para maior incompetencia, o maximo desleixo. Ninguém se tem importado, ninguém se tem interessado por essas cousas; a indolencia e o comodismo tem sido o apanagio de certos politicos que só procuravam o predomínio pessoal para o jogar a seu bel prazer em prejuizo de outrem. Fão, cujo renome de terra hospitaleira e de bons costumes tradicionais era por todos reconhecidos, não deve ser prejudicado com lutas mesquinhas que affectam o progresso da terra e o bem estar dos seus habitantes.

Ponham-se de parte todas as divergencias e comece-se a trabalhar no resurgimento de Fão: ha bastante que reconstruir e muito mais para fazer de novo.

Que o ano de 1920 inicie para nós, fanzenses, uma nova era de progresso, e que a nossa

terra possa caminhar na vanguarda, a que pelo trabalho, —que foi sempre a sua divisa— tem direito.

Com vista ao snr. chefe da conservação das obras publicas. Pedem-se urgentes providencias para a estrada que d'aqui segue para a Apulia, que nalguns pontos tem covas perigosas; a estrada que vem de Espozende também não está melhor, até, pelas alturas do Forno da Cal, está um lameiro. Já começaram a pôr lá alguma pedra, agora basta uns dias de trabalho e vista... E digo vista, porque parece que também não se reparou ainda nuns pedões de pedra, que guarnecem a estrada de acesso á ponte metálica e que se encontram derrubados. Era bom saber-se quem seriam os malandrins que se entretêm a praticar tais vandalismos, a fim de se lhes dar o competente correctivo.

Acha-se entre nós a gosar as ferias do Natal e Anno novo, o snr. Dr. Elias Cardoso Lopes e Ex.^{ma} Esposa.

Tambem vimos aqui, durante a semana, os snrs. Antonio C. Gaifem Pires e José Pinheiro da Rocha.

Foi passar, em Barcellos, os festas do Natal o snr. J. J. Soares Estanislau e Ex.^{ma} Irma D. Belmira.

Retiram para o Brazil os maritimos, nossos conterraneos snr. Alfredo Martins do Monte, José Antonio Herdeiro, José e Manuel Martins Mano, Antonio e Francisco dos Santos Graça. Boa viagem e felicidades.

Cessa tudo quanto canta
A nova musa fangeira
Demorato-trauliteira
Que a todo o mundo encanta.

Quem a fer até se espanta
De o poeta só dizer,
Em tudo quanto mechor,
Cessa tudo quanto canta.

E assim o bistrão
Cai aqui, levanta alem,
Até julga ser alguém
E que faz um figurão.

Fala, canta, brinca o ri,
E por mais gestos que faça
Não chega nunca a tor graça.
Pobre bistrão—ai de ti!

Não pensa mais em cantar!
Val ahí a um cordoeiro.
Escolhe, alem um pinheiro
E não lá a corar.

Do jornal «O Novo Cavado», de 25 de Dezembro de 1919 com o mesmo João Amandio, editor, administrador e proprietario e da secção «Pelo telefone».

«Olhe ainda uma coisa»

Reparou no que lá diz?

Não tem «A Verdade» cor politica quando no cabeçalho se diz *Semanario republicano* (!)

Que quer o meu amigo? Agora que está a Republica é «semanario republicano» (!), de-

pois... será até *semanario bolchevista*.

Coerencias de quem está habituado a... fazer e desfazer, como o galego da novela.

Ora a «Verdade» iniciou a sua publicação ha poucos dias ainda e mesmo que pensasse em mudar de opinião sob o ponto de vista politico, não teria tido tempo de a fazer. E' um semanario republicano sem cor politica, isto é, simplesmente republicano.

Dentro d'este regimen é que as cores podem ser diferentes, precisamente como sucede no verde, no amarelo, no azul e em todas as cores enfim que podem e tem cambiantes diversos.

Toda a gente sabe, ou para melhor dizer, toda a gente que aprendeu a ler e a escrever, e tem a felicidade de ver, sabe que ha verde mar, verde escuro, verde garrafa e verde campina, que, no fim de tudo, não deixam de ser verdes. E basta de explicações.

Se a Verdade quizesse explorar o caso do «Tiho de ser», poderia fazê-lo e tirar d'ele o necessario partido. Mas para não seguir os processos de baixo jornalismo, infelizmente tanto em voga, a Verdade acaba por dizer como começou: Sem comentarios...

LIVROS
E
REVISTASILUSTRAÇÃO NACIONAL
N.º de Junho

Na Póvoa de Varzim, um grupo de publicistas a quem um profundo e acalentador gosto estético caracteriza e anima, tomou sobre seus ombros uma arrojadissima empreza: lançar na voragem da publicidade um luxuoso magazine, titulado *Ilustração Nacional*.

São seus progenitores espirituais os snrs. Vicente Arcias, Candido Landolt e Avelino Barrios.

A *Ilustração Nacional* que é indubitavelmente uma revista completa e das melhores que se publicam no nosso paiz, é colaborada por muitos dos nossos bons escritores tais como: Julio Brandão, Alberto Pimentel, Joaquim Costa, D. Ana de Castro Osório, Julio de Lemos, Dr. Antonio Silveira, Graça Cruz, Xavier de Magalhães, Eduardo Pimenta, Alfredo Pinto, etc. etc.

Alem duma longa reportagem fotografica, a *Ilustração* estampa quadros artisticos que são verdadeiras maravilhas.

Oxalá ela tenha diante de si o ridente futuro que merece.

Assinatura

Por outro, em Espozende	1\$200
Para fora	1\$350
Brazil	2\$500
ANNUNCIOS	
Linha	30

DAS ALDEIAS

MAR, 30—Antes de tudo os votos de um anno novo muito feliz e prospero para a nossa querida «Verdade».

—Tem havido aqui ultimamente bastantes sermões alguns deles mandados fazer por pessoas de Belinho.

E' curioso que nesta freguezia todos os domingos se annunciam sermões e todos os domingos falta o pregador.

Já é mandinga...

—Realizou-se no dia 23 a festinha do Menino pregando de manhã e de tarde o Rev. abade de S. Verissimo de Tâmel que agradeceu.

—Nesse mesmo dia tivemos a inesperada visita de uma suia formada por musicos de Belinho, tocando rijo. Manifestaram vir com o fim de insultar o rev. paroco desta freguezia. Por isso, e pelo seu atrevimento de vir fazer a «turdia» em terra alheia não era de estranhar que fossem recebidos menos bem...

Pois, senhores: até vinho tiveram e do branco, e do melhor! Isto é que é terra de gente generosa...

—Entre nós, no goso de ferias encontra-se o distincto academico Julio Lima.

C.

Para Lisboa o ex.^{mo} sr. tenente Lauro de Barros Lima.

Foi ao Porto o ex.^{mo} sr. Firmino Clementino Loureiro.

Tem estado bastante doente a Snr.^a D. Eva Ribeiro, esposa do sr. Antonio Fernandes Ribeiro.

Encontra-se entre nós o ex.^{mo} sr. dr. Mario Alexandrino da Silva.



Boas-Festas

A todos os seus assinantes, colaboradores e correspondentes envia a Redacção da «VERDADE» cumprimentos de BOAS-FESTAS.



ANNUNCIOS

ANUNCIO

2.ª publicação

Por este juizo e meu cartorio correm editos de 30 dias citando Antonio Dias Fernandes Cardozo e Paulino Dias Fernandes, ausentes em parte incerta no Brazil, para o inventario de seu pai Manuel José Dias Fernandes, que foi da freguezia de Apulia.

Espozende, 10 de Dezembro de 1919.

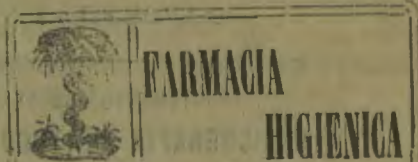
O Escrivão de direito, João Evaristo de Moraes Rocha.

Verifiquei.

O Juiz de Direito, Silvestre Cardoso.

EDUARDO MOTTA
ADVOGADO

Rua 15 de Agosto

FARMACIA
HIGIENICA

dirigida por

CELESTINO G. PIRES

Antor do famoso LOMBRIGOL FÁO-SENSE, eficaz para a expulsão rápida de todos os vermes intestinaes.

Provisão completa de produtos quimicos e todas as innovações farmaceuticas, objectos de perfumaria e toilette.

Rua da Fraça—FÃO

SERVIÇO PERMANENTE

A VERDADE,
e a imprensa.

Da «Lucta», um dos mais bem feitos e bem escritos jornais que se publicam no nosso paiz, transcrevemos o seguinte, que sobremaneira honra o nosso modesto semanario.

—Começou a publicar-se em Espozende, ha cerca de um mez, um novo jornal «A Verdade».

Este semanario é magnificamente colaborado e apresenta-se muito bem. Parece com tendencias a defender a politica liberal do novo partido republicano, e isso é para nós motivo de orgulho, pois com paladinos assim ha sempre que contar.

Felicitamos affectuosamente o novo e brilhante collega.

(Lucta de 23-12-919)

BLOC-NOTES

Estiveram entre nós os snrs. Drs. Julio Cesar Baptista e Odorico Dantas Carneiro, advogados em Coimbra.

De passagem nesta villa esteve o ex.^{mo} sr. Henrique Marinho.

Partiu para o Porto com sua ex.^{ma} familia o sr. Valentim Ribeiro da Fonseca.

*

collecção de Silva Vieira

ENSAIOS ETNOGRAFICOS

por
J. Leite de Vasconcellos
VOL. I.^a 2.^a EDIÇÃO

Muito melhorada e revista pelo au-
tor, impressa em magnifico papel, com
perto de 400 paginas

15000 REIS

A' venda nas livrarias do Porto a
Lisboa, e em casa do editor Jose de
Silva Vieira - Livraria Espozendense -
remetendo-se pelo correio a quem os
requisitar mediante a sua importancia
e mais 25 reis para o porte.
Pedidos ao editor - ESPOZENDE

Acaba de publicar-se

FOLCLORE

da
Figueira da Foz

Cordenado por M. Cardoso Martha
e Augusto Pinto

Repositorio completo das tradições
populares da Figueira.

2.^a e ultimo vol. com cerca de
300 paginas 500 reis

A' venda em Lisboa:

Livraria Classica Editora, de
A. M. Teixeira, 20, Praça dos Restaurado-
res, 20.

No Porto:

Livraria Portuguesa - editora
de Joaquim Maria da Costa, Igerezes, Ma-
chado & Costa) 35, Largo dos Loyes, 50

Em Espozende:

Livraria Espozendense Editora,
Rua Veiga Beirão, - 7 e 9

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal
para o estudo das tradições populares
dirigida por

José da Silva Vieira
collaborada por todos os folkloristas.
portuguezes e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal.....60
Estrangeiro.....1:00

Toda a correspondencia deve ser
dirigida á Redacção «Revista do
Minho» ou ao seu director, José
da Silva Vieira - ESPOZENDE

Ninguém tenha duvida, que
OS FACTOS

e outras fazendas tem mostrado a evidencia
que quem quizer

VESTIR BEM

e tiver a intuição do

BOM GOSTO

quem pretenda ser bem servido com

TECIDOS DE CONFIANÇA

e deve preferir sempre os

PADRÕES RUIES

que constituem os sensacionais sortimentos da
conhecida e acreditada

CASA ARNALDO TORRES

Largo Dr. Fonseca Lima
ESPOZENDE

APONTAMENTOS SOBRE
LEXICOGRAPHIA PORTUGUEZA
POR

M. Boaventura

I.^o volume

(LETRA: A - E)

Preço 20 centavos. Pelo correio, 21.

Um elegante volume muito por-
tátil, de 200 paginas, em magni-
fico papel e boa impressão.

A' venda nas principaes livra-
rias de Lisboa, Porto, Braga, Bar-
cellos e outras terras.



TIPOGRAFIA

ESPOZENDENSE

ESPOZENDE

***** RUA DIREITA, 7 e 9 *****

Esta typografia acha-se montada por forma a poder satisfazer com vanta-
gem os seus clientes e com esmero e brevidade todos os trabalhos que lhe sejam
confiados, para o que dispõe de material completamente novo, nacional e estran-
geiro, mquinas de impressão, de picotar, coser a arame, de cortar papel, aper-
to etc., para o que possui pessoal com longa pratica e competentemente habi-
litado. Execução de todas as obras de livro, em todos os formatos, jornaes políti-
cos, litterarios e noticiosos, facturas, cartazes, grandes para o que ha typos adqua-
dos, memorandums, trabalhos para todas as repartições publicas e particulares, pros-
pectos em todos os formatos e gosto artistico, cartões de visita, para o que ha um
grande mostruario com 60 qualidades de typos diferentes, e tudo que diga res-
peito a este ramo de industria. Preços de todos os trabalhos, os antigos. Ha gran-
de quantidade de cartão de visita em todas as qualidades e formatos.

O publico para ser bem servido deve sempre preferir es-
ta antiga e bem montada officina.

„ONDINA“

Companhia de Seguros (em organização)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL - Meio Milhão de Escudos

(500 Contos)

Séde provisoria - Rua Mousinho da Silveira n.º 123-1.º -

— PORTO —

N'esta Redacção, indica-se a pessoa autorizada a receber o
capital de qualquer subscritor, em acções nominaes de 50000
escudos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Manoel Lopes Rodrigues d'Areia

Ferragens e Mercaria

RUA 1.º DE DEZEMBRO

ESPOZENDE

BRANPÃO & C.

AGENCIA DE ESPOZENDE

SEDE: VILA NOVA DE FAMALICÃO

Compram e vendem papeis de credito e fazem todas as operações bancarias

Depositos a prazo e a ordem

Correspondentes em todas as terras do paiz

Negocios no Brazil.

Agentes em LONDRES, PARIS e MADRID.

MODA E ELEGANCIA

ATELIER DE ALFAITE

DE

Manoel de Jesus Pereira

Executa-se com perfeição e esmero todo e qualquer trabalho da sua arte
por preços modicos, responsabilizando-se pelo trabalho que executar.

Tambem confecciona casacos para senhora, obedecendo ás ultimas exigen-
cias da moda.

Fatos prontos a vestir em 24 horas. Execução rapida, perfeita e elegante

Fazem-se capas e sobretudos de borracha e gabardine
para homem e senhora.

RUA 1.º DE DEZEMBRO

ESPOZENDE

Coolecção Silva Vieira

**TRADIÇÕES POPULARES, UN-
GUAGEM TOPONIMICA DE
BARCELLOS**

Recolheu as tradições orais, por
A. Gomes Pereira

Prof. da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

É um trabalho que levou 12
anos a recolher e coordenar - 1890

1912

Obra vasta e de grande interesse
sobre o assunto para os estudos, que
se occupam desta tão útil sciencia, sem
dúvida o mais importante para a pe-
sa historia patria.

Edição pertencente a livraria Es-
pozendense, de Espozende, cuja impressã-
o deu de concluir-se e cujo custo é ape-
nas de

500 reis

pelo correio 525 reis

ou Pedir a Livraria Espozendense
de Jose da Silva Vieira - Espozende

A Verdade

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENSE.

Composto e impresso na Typ. Espozense—Espozende.

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 8 A

ANO I

1

Janeiro

1920

O que faz hon-
ra a um homem,
não são as suas o-
pinões, são os seus
sentimentos.

Schiller



MAIS UM ANO

O Tempo no seu rodar vertiginoso alcançou mais uma etapa na estrada misteriosa que percorre. Na mesma vertigem caminhará até ao dia—proximo ou distante—(não o sabe ainda a sciencia), em que as leis fataes da transformação do existente reduzam á imobilidade ou a qualquer ignorada forma, os mundos que povoam a vastidão do Infinito.

Cada ano que nasce é uma esperança de melhores dias que surge. Ano novo significa vida nova, novas ilusões e novos sonhos, venturas que desabroçam e maguas que findam, aurora que desponta num horizonte de luz e de amor.

A Humanidade esquece por momentos todos os males e todas as fadigas do ano anterior e extasia-se deslumbrada pelas enganosas fascinações do porvir, na doce expectativa duma era mais feliz que presumidamente lhe trará a desejada prosperidade. E no fim do ano os séculos vão rolando e a vida oscila sempre entre a dor e o tédio, convertem-se numa cruel realidade de o pessimismo filosófico de Lisie!

Se evocarmos o passado logo a saudade parece querer devorar-nos numa labareda de sentidas recordações, que nos queimam o espirito, como centelhas de fogo, na contemplação intima de alegrias distantes que a memoria guarda e a imaginação reproduz em novas emoções, que nos entontecem e desvairam.

Se olharmos o presente, na observação dos homens e das coisas, vemos uma sociedade tripudiando no luxo e nos deslumbramentos da riqueza, esquecida dos perigos que a rodeiam, estonteada no goso de todos os prazeres, exhibindo cinicamente todos os vícios, num desafio impudente, aos que agonizam de fome nos braços da miseria. Se prescutarmos o futuro, assalta-nos a duvida desesperadora e enervante entre as brumas da terrivel tempestade social que se esboça minar em todas as nações da Europa, se não do mundo inteiro. Mas A Verdade põe, hoje, de parte augúrios e desalentos na esperança de dias mais venturosos, e o que vivamente deseja a todos os seus presados assignantes, leitores, annunciantes, collaboradores e amigos, é que o ano de 1920 lhes seja propicio e pleno das mais inegualaveis felicidades.

A. T.

Noite de Natal

Ao Miguel-Júlio.

Era uma vez...
Era uma vez um menino muito bonito e muito bom, a quem por isso o Menino-Jesus, na

noite de Natal; deixava sempre, num dos sapatinhos, a prenda com que ele mais sonhara, por mais a desejar.

Chamava-se Joãozinho este lindo menino e tinha por visi-

PORTAS

Lareiras de Portugal

Arde a fogueira... O lar também é tulha!
E' pão e lume. E que fartura amiga!
—Cada trôço de lenha é como espiga
Que em doces chamas de oiro se debulha.—

Arde a fogueira... Ora cicia e arrulha
Como as pombas no ninho; ora é cantiga;
Ou subita epopeia, que fustiga,
Remoinha, estraleja, e se esfaúlha.

Braveja o lume sobre o lar dos pobres;
Tem gritos de clarim, soturnos dobres,
Altas linguas de chama, abrindo em laçã.

E a gente:—«E' o fim do mundo: a Fome e a Guerra»—
E um velho:—«Eh lá! Choraes?... Elle inda ha terra!
Elle inda ha Portugal! Resae... E esp'rança!»—

Antonio Corrêa d'Oliveira.

e trata bem os animaes, e não é desobediente, bem merece que o Menino lhe dê o prémio desta santa noite.

A refeição tinha terminado e o pequenito, em vez de se mostrar alegre e travesso, como de costume, quedou meditativo.

—O menino está triste. O que é que tem? perguntou-lhe o pai.

O Joãozinho pulou-lhe para os joelhos e, num beijo:

—Faz-me um favorsinho, papá?

—Diga.

—Deixa-me dar duas brincadeiras ao Pedro e á Gigi?

Foi a mãe quem respondeu:

—Vá buscá-las.

Nam salto, o pequeno trouxe os dois melhores brinquedos que tinha e de que mais gostava.

Os olhos da mãe humedeceram-se de lágrimas rissonhas e felizes e o pai estreitou-o, num abraço demorado.

24—XII.

JULIO de LEMOS.

Portugal futuro

Intensifica-se a febre de projectos tendentes a melhorar a situação economica do paiz, em que todo o bom patriota deve colaborar, afim de tentar a salvação do existente.

Depois dos pesados encargos contrahidos com a nossa entrada na guerra, e com o apavorante agravamento da vida da nação, durante e depois da guerra, a lucta tem de ser titanica.

Se não houver uma communhão de ideias e uma congregação de esforços, no sentido de levantar o moral do nosso paiz e insufflar-lhe novosalentos, liquidaremos, ao fim de darmos ao mundo inteiro, o espectáculo triste d'um povo que se deixa morrer por suas mãos, sem reagir, tendo ainda elementos viáveis para que pôde apelar.

Um paiz colonial como o nosso, cuja riqueza invejada pelas maiores nações, ainda tem recursos para fazer frente á grave crise que o asoberba desde que haja quem, competindo-se dos seus deveres cívicos, tenha a capacidade e energia suficientes para o desempenho de tão alta missão.

Apareçam esses homens, que os temos, e deitem braços a essa tarefa que fiel e patriótica-

nhos outros dois meninos, de quem gostava e com quem brincava, ás vezes. Eram o Pedro e a Gigi.

A mãe do Pedro e da Gigi batia-lhes a miúdo e isto impressionava devéras o Joãozinho, que nunca fôra castigado.

Ora, naquela tarde, véspera de Natal, o bondoso menino, á hora do jantar, perguntou:

—O' papá porque é que o Pedro e a Gigi nunca teem brincadeiras?

—E' porque são pobrezinhos e a mãe não tem para lhas dar.

—Mas eu tenho tantos brinquedos que não custaram dinheiro! Foi o padrinho que me deu alguns e outros deu-mos o Menino-Jesus. Porque é que elles não arranjam a ter padrinho, ou que o Menino lhes dê?

O pai do Joãozinho sorriu, ao mesmo tempo que a mãe intervinha, atrahindo meigamente a si o pequeno:

—O padrinho d'elles não pôde dar-lhes nada, porque é também pobre. As brincadeiras cus-

ta-n muito dinheiro e os pobres não o teem, coitados!

—Mas o Menino-Jesus? acudiu o lindo Joãozinho. Esse é muito rico e tem tudo: por isso, devia dar qualquer coizinha aos meninos como o Pedro e a Gigi e assim... E, depois de uma curta reflexão: Antes não me desse nada a mim, que tenho um padrinho rico e amigo, que me dá bastantes coisas...

O pai, comovido, explicou:

—Só os meninos que se portam bem é que teem prendas do céu. Sabes porque a Gigi não tem prenda do Menino? Porque é muito mentirosa. E o Pedro esse é porque...

—Diz palavras feias, concluiu o pequeno.

—Sim, porque diz palavras feias e porque trata mal os pobrezinhos, quando vão pedir esmola lá a casa. E é até por isso que a mãe lhes bate tanto.

O Joãozinho ficou pensativo. Pouco depois, perguntou:

—E eu porto-me bem má-má?

—A's vezes, lá faz a sua tolice; mas, como é bom, e dá sempre esmola aos pobrezinhos,

Stude nos, pois, a monarquia e oxalá que, perante os factos consumados e para bem de nós portuguezes, *ela* saiba continuar as suas tradições de paz e amor.

A VERDADE EM FÃO

Mais um ano que se passou e a nossa terra terá de acrescentar a tantos outros que tem decorrido estereis, sem benefícios ou melhoramentos, na mais completa incuria e desleixo. Se lançarmos um olhar sobre o passado e seus homens illustres, ficamos desolados vendo como temos retrogradado em todos os sentidos.

Como nos parecem grandes, esses homens a nós que vivemos nestes tempos de egoismo, hipocrisia e volubidade de carácter!

Se ao menos soubessemos conservar o que elles nos deixaram, ainda não haveria motivo de censura, mas o que vemos nós por ahí? O desmaseio e o mais absoluto desprezo por tudo; a luz, embora sejam poucos os candieiros, é como que não exista; a agua potavel que havia—devida a um dos mais devotados e sinceros filhos de Fão, se lhes dar o competente correctivo.

Acha-se entre nós a gosar as ferias do Natal e Anno novo, o snr. Dr. Elias Cardoso Lopes e Ex.^{ma} Esposa. Também vimos aqui, durante a semana, os snrs. Antonio C. Gaffim Pires e José Pinheiro da Rocha.

Foi passar, em Barcellos, as festas do Natal o snr. J. J. Soares e Ex.^{ma} Esposa. Retiram para o Brazil os maritimos, nossos conterraneos snr. Alfredo Martins do Monte, José Antonio Herdeiro, José e Manuel Martins Mano, Antonio e Francisco dos Santos Graça. Boa viagem e felicidades.

«Cesse tudo quanto canta»
A nova minha langureira
Democratiza a lancheteira
Que a todo o mundo encanta.

Quem a for até se espanta
De o poeta só dizer,
Em tudo quanto mechar,
«Cesse tudo quanto canta»

E assim o bistrão
Cai aqui, levanta alem,
Até julga ser alguém
E que faz um figurão.

Fala, canta, brinca e ri;
E por mais gentios que seja
Não chega nunca a ter graça.
Pobre bistrão—ai de ti!

Não penses mais em cantar!
Val ahí a um cordeiro,
Escolhe, alem um pinheiro
E não lá a côrar.

Do jornal «O Novo Cavado», de 25 de Dezembro de 1919 com o mesmo João Amandio, editor, administrador e proprietário e da secção «Pelo telefone».

«Olhe ainda uma coisa»

Reparou no que lá diz?

Não tem «A Verdade»
«O político quando no cabedalho se diz Semanário republicano(!)»

Que quer o meu amigo? Agora que está a Republica é «semanário republicano(!)», de-

pois... será até semanário bolchevista.

Coerencias de quem está habituado a... fazer e desfazer, como o galego da novela.

Ora a «Verdade» iniciou a sua publicação ha poucos dias ainda e mesmo que pensasse em mudar de opinião sob o ponto de vista politico, não teria tido tempo de a fazer. E' um semanário republicano sem cor politica, isto é, simplesmente republicano.

Dentro d'este regimen é que as cores podem ser diferentes precisamente como succede no verde, no amarelo, no azul e em todas as cores enfim que podem e tem cambiantes diversos.

Toda a gente sabe, ou para melhor dizer, toda a gente que aprendeu a ler e a escrever, e tem a felicidade de ver, sabe que ha verde mar, verde escuro, verde garrafa e verde campina, que, no fim de tudo, não deixam de ser verdes. E basta de explicações.

Se A Verdade quizesse explorar o caso do «Tinha de ser», poderia fazê-lo e tirar d'ele o necessario partido. Mas para não seguir os processos de baixo jornalismo, infelizmente tanto em voga, A Verdade acaba por dizer como começou: Sem comentários...

LIVROS
E REVISTAS

REVISTA NACIONAL

Na Povoia de Varzim, um grupo de publicistas a quem um profundo e acalentador gosto estético caracteriza e anima, tomou sobre seus ombros uma arrojadissima empreza: lançar na voregem da publicidade um luxuoso magazine, titulado *Ilustração Nacional*.

São seus progenitores espirituais os snrs. Vicente Areias, Candido Landolt e Avelino Barros.

A *Ilustração Nacional* que é indubitavelmente uma revista completa e das melhores que se publicam no nosso paiz, é colaborada por muitos dos nossos bons escritores tais como: Julio Brandão, Alberto Pimentel, Joaquim Costa, D. Ana de Castro Osório, Julio de Lemos, Dr. Antonio Silveira, Graça Cruz, Xavier de Magalhães, Eduardo Pimenta, Alfredo Pinto, etc. etc.

Alem duma longa reportagem fotografica, a *Ilustração* estampa quadros artisticos que são verdadeiras maravilhas.

Oxalá ela tenha diante de si o ridente futuro que merece.

Assignatura

Por anno, em Espozende...	1\$200
Para fora...	1\$350
Brazil...	2\$500
ANNUNCIOS	
Linha...	50

DAS ALDEIAS

MAR. 30—Antes de tudo os votos de um anno novo muito feliz e prospero para a nossa querida «Verdade».

—Tem havido aqui ultimamente bastantes sermões alguns deles mandados fazer por pessoas de Belinho.

E' curioso que nesta freguezia todos os domingos se annunciam sermões e todos os domingos falta o pregador.

Já é mandinga...

—Realizou-se no dia 25 a festinha do Menino pregando de manhã e de tarde o Rev. abade de S. Verissimo de Tamel que agradeceu.

—Nesse mesmo dia tivemos a inesperada visita de uma suia formada por músicos de Belinho, tocando rijo. Manifestaram vir com o fim de insultar o rev. paroco desta freguezia. Por isso, e pelo seu atrevimento de vir fazer a «turdia» em terra alheia não era de estranhar que fossem recebidos menos bem...

Pois, senhores: até vinho tiveram e do branco, e do melhor! Isto é que é terra de gente generosa...

—Entre nós, no goso de léris encontra-se o distincto academico Julio Lima.

Para Lisboa o ex.^{mo} snr. tenente Lario de Barros Lima.

Foi ao Porto o ex.^{mo} snr. Firmino Clementino Loureiro.

Tem estado bastante doente a Snr.^a D. Eva Ribeiro, esposa do sr. Antonio Fernandes Ribeiro.

Encontra-se entre nós o ex.^{mo} snr. dr. Mario Alexandrino da Silva.



Boas-Festas

A todos os seus assignantes, colaboradores e correspondentes envia a Redacção da «VERDADE» cumprimentos de BOAS-FESTAS



ANNUNCIOS

ANUNCIO

Publicação

Por este juizo e men...
30 dias citando Antonio Dias Fernandes Cardozo e Paulino Dias Fernandes, ausentes em parte incerta no Brazil, para o inventario de seu pai Manuel José Dias Fernandes, que foi da freguezia de Apulia.
Espozende, 10 de Dezembro de 1919.
O Escrivão de direito,
João Evaristo de Moraes Rocha.
Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Silvestre Cardoso.

EDUARDO MOTTA
ADVOCADO
Rua 15 de Agosto

BLOC--NOTES

Estiveram entre nós os snrs. Drs. Julio Cesar Baptista e Odo rico Dantas Carneiro, advogados em Coimbra.

De passagem nesta villa esteve o ex.^{mo} sr. Henrique Marinho.

Partiu para o Porto com sua ex.^{ma} Familia o snr. Valentim Ribeiro da Fonseca.

FARMACIA HIGIENICA
dirigida por
CELESTINO G. PARES
Autor do famoso LOMBRICOL FÁO-SENSE, eficaz para a expulsão rápida de todos os vermes intestinaes.
Provisão completa de produtos quimicos e todas as innovações farmaceuticas, objectos de perfumaria e toilette.
Rua de Praça FÁO
SERVIÇO PERMANENTE

Collecção de Silva Vieira
**ENSAIOS
 ETNOGRAFICOS**

por
J. Leite de Vasconcellos
 VOL. 1.ª 2.ª EDIÇÃO

Muito melhorada e revista pelo au-
 tor, impressa em magnifico papel, com
 perto de 400 paginas

18000 REIS

A' venda nas livrarias do Porto a
 Lisboa, e em casa do editor José de
 Silva Vieira — Livraria Espozendense —
 remetendo-se pelo correio a quem os
 requisitar mediante a sua importancia
 e mais 25 reis para o porte.

Pedidos ao editor — ESPOZENDE

Acaba de publicar-se

FOICLORE

da
Figueira da Foz

Cordenado por **M. Cardoso Martha**
 e **Augusto Pinto**

Repositorio completo das tradições
 populares da Figueira.

2.ª e ultimo vol. com cerca de
 300 paginas 500 reis

A' venda em Lisboa:

Livraria Classica Editora, de
 A. M. Teixeira, 20, Praça dos Restaurado-
 res, 20.

No Porto:

Livraria Portuguesa — editora
 de Joaquim Maria da Costa, (gerentes, Ma-
 chado & Costa) 55, Largo dos Lóios, 56
 Em Espozende:

Livraria Espozendense Editora,
 Rua Veiga Beirão, 7 a 9

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal
 para o estudo das tradições populares
 dirigida por

José da Silva Vieira
 collaborada por todos os folkloristas
 portugueses e estrangeiros

Assignatura

Anno, Portugal.....60
 Estrangeiro..... 1:00

Toda a correspondência deve ser
 dirigida á Redacção "Revista do
 Minho" ou ao seu director, José
 da Silva Vieira — ESPOZENDE

Ninguém tenha duvida, que
OS FACTOS
 e outras fazendas tem mostrado á evidencia
 que quem quiser

VESTIR BEM

e tiver a intuição do

BOM GOSTO

quem pretenda ser bem servido com

TECIDOS DE CONFIANÇA

e deve preferir sempre os

PADRÕES UNICOS

que constituem os sensacionais sortimentos da
 conhecida e acreditada

CASA ARNALDO TORRES

Largo Dr. Fonseca Lima

ESPOZENDE

APONTAMENTOS SOBRE
LEXICOGRAPHIA PORTUGUEZA
 POR

M. Boaventura

1.º volume

(LETRA: A — E)

Preço 20 centavos. Pelo correio, 21.

Um elegante volume muito por-
 tatil, de 200 paginas, em magni-
 fico papel e boa impressão.

A' venda nas principaes livra-
 rias de Lisboa, Porto, Braga, Bar-
 cellos e outras terras.



**TIPOGRAFIA
 ESPOZENDENSE**

ESPOZENDE

RUA DIREITA, 7 a 9

Esta typografia acha-se montada por forma a poder satisfazer com vanta-
 gem os seus clientes e com esmero e brevidade todos os trabalhos que lhe sejam
 confiados, para o que dispõe de material completamente novo, nacional e estran-
 geiro, maquinas de impressão, de picotar, coser a arame, de cortar papel, aper-
 to etc., para o que possui pessoal com longa pratica e competentemente habi-
 litado. Execução de todas as obras de livro, em todos os formatos, jornaes politi-
 cos, litterarios e noticiosos, facturas, cartazes, grandes para o que ha typos adqua-
 dos, memoranduns, trabalhos para todas as repartições publicas e particulares, pros-
 pectos em todos os fomatos e gosto artistico, cartões de visita, para o que ha um
 grande mostruario com 60 qualidades de typos diferentes, e tudo que diga res-
 peito a este ramo de industria. Preços de todos os trabalhos, os antigos. Ha gran-
 de quantidade de cartão de visita em todas as qualidades e formatos.

ta antiga e bem montada oficina.

"ONDINA"

Companhia de Seguros (em organização)

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL — Meio Milhão de Escudos
 (500 Contos)

Séde provisoria — Rua Mousinho da Silveira n.º 129-1.º —

PORTO

N'esta Redacção, indica-se a pessoa autorizada a receber o
 capitais de qualquer subscritor, em acções nominaes de 40000
 escudos.

NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Manoel Lopes Rodrigues d'Areia

Ferragens e Mercçaria

RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

BRANPÃO & C.

AGENCIA DE ESPOZENDE

SEDE: VILA NOVA DE FAMALICÃO

Compram e vendem papeis de credito e fazem todas as operações bancarias.

Depositos a prazo e a ordem

Correspondentes em todas as terras do paiz

Negocios no Brazil.

Agentes em LONDRES, PARIS e MADRID.

MODA E ELEGANCIA

ATELIER DE ALFAITE

DE

Manoel de Jesus Pereira

Executa-se com perfeição e esmero todo e qualquer trabalho da sua arte
 por preços modicos, responsabilisada-se pelo trabalho que executar.

Tambem confecciona casacos para senhora, obedeendo ás ultimas exigen-
 cias da moda.

Fatos promptos a vestir em 24 horas Execução rapida, perfeita e elegante

Fazem se capas e sobretudos de borracha e gabardine
 para homem e senhora.

RUA 1.º DE DEZEMBRO
ESPOZENDE

**TRADIÇÕES POPULARES, LIN-
 GUAGEM TOPONOMIA DE
 BARCELLOS**
 A. Gomes Pereira
 Recolhidas da tradição oral, por
 A. Gomes Pereira
 É um trabalho que levou 12
 annos a recolher e redigir — 1890
 1912
 Obra vasta e de grande interesse
 sobre o assumpto para os estudos, que
 se occupam deste tão útil estudo, sem
 duvida o mais importante para a pe-
 sa historia patria.
 Eritão pertencente a livraria Espo-
 zendense, de Espozende, cuja impressão
 acaba de concluir-se e cujo custo é ape-
 nas de
500 reis
 pelo correio 525 rs.
 ou Pedidos a Livraria Espozendense
 de José da Silva Vieira — Espozende